

VISÃO RELIGIOSA DE MUNDO E ENSINO DE HISTÓRIA

Leandro Antonio de Almeida¹

Introdução

Águas Lindas de Goiás, jovem município fundado no final de 1995, ganhou o noticiário nacional por causa de uma questão religiosa que dividiu a cidade, não apenas a população como também os vereadores. O problema era saber quem seria o padroeiro local. Quando fundada, o bispo consagrou Nossa Senhora Aparecida como padroeira de Águas Lindas, mas os evangélicos reagiram e, através de um projeto de lei aprovado na Câmara, mudaram o protetor para Jesus Cristo. Em 2009 a decisão foi revertida, e Nossa Senhora foi reconduzida ao posto. O argumento do autor da proposta foi que Jesus não poderia ser padroeiro porque isso seria rebaixá-lo, tendo em vista que o Cristo era “o criador do mundo, o Deus do Universo”. Outro vereador, protestante, ameaçou entrar na Justiça e propor um plebiscito para que a população decidisse a questão. (OLIVEIRA, 2009, vídeo). Enquanto não se encontrava uma solução, as imagens de Jesus e Nossa Senhora guardavam a entrada da cidade, em lados opostos da estrada.

O caso acima evidencia, entre tantos outros exemplos que poderiam ser elencados, o papel atuante da religião no mundo globalizado, contradizendo pressupostos evolucionistas que nortearam – e ainda norteiam – correntes teóricas das ciências sociais e da história. Ao contrário da “inevitável” secularização e desencantamento que avançariam sobre as sociedades conforme a modernidade e o desenvolvimento tecnológico as alcançassem, o que se assiste na atualidade é a persistência e até o fortalecimento dos fenômenos religiosos. Geertz é contundente ao apontar que “foi a atenção das ciências sociais que se desviou a outros campos, enquanto estiveram dominadas por uma série de pressupostos evolutivos que consideravam o compromisso com a religião uma força em declínio na sociedade, um resíduo de tradições passadas inexoravelmente erodido pelos quatro cavaleiros da modernidade: secularismo, nacionalismo, racionalização e globalização.” (GEERTZ, 2006)

¹ Mestre e doutorando em história, professor de Ensino de História e Estágio Supervisionado da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: leandroalmeida@hotmail.com.

Mesmo com a diminuição da presença da religião no nível macro-social no ocidente, ela permanece “com suas funções no nível micro-social, onde ela provê as pessoas com complexos de significados e símbolos suficientes para que elas orientem suas vidas num mundo confundido pela complexidade e a mudança” (MOREIRA 2007, p. 22). Este autor observa também as mudanças pelas quais passa a religião, seja como sistema organizado ou como prática cultural. Os sistemas religiosos defrontam-se cada vez mais com concorrentes na explicação e sentido do mundo, como as ciências; na sacralização de aspectos da vida, como as artes, shows, mídia etc.; e mesmo na explicação do além, com a criação de um mercado mundial de bens religiosos possibilitado pela globalização e pelo desenvolvimento dos meios de comunicação de massa a nível mundial (Moreira, 2007, pp. 26-30). Essa pluralização, que atesta sua persistência e força, nem sempre caminha no sentido da tolerância e da compreensão, mas por vezes gera conflitos armados ou contendas simbólicas, como aquela empreendida em torno do padroeiro da cidade goiana.

No momento em que assistíamos o citado telejornal, perguntamo-nos como seria o Ensino de História no município onde questões religiosas ganhavam a atenção na cena política², permeando os sentimentos dos cidadãos. O vereador defendeu sua proposta com um argumento de dimensão cósmica, que relacionava a pequena Águas Lindas a todo o universo, concebido como criação divina. Além disso, diferentes discursos (católicos e evangélicos) vinculavam distintamente esse cosmos ao dia-a-dia, gerando disputa entre duas visões de mundo. Se pouco influenciavam o âmbito material, ela era importante na relação emotiva, identitária, com o município.

Em nossa atividade docente, notamos ambas características do discurso religioso – organização do cosmos e sustentáculo de identidades – permeando as consciências dos estudantes na escola. O objetivo deste artigo é refletir sobre o papel da visão de mundo religiosa dos alunos nas aulas de história, assim como a postura do professor desta disciplina escolar em relação ao tema.

O ponto de partida será a análise de dois casos que ocorreram durante uma experiência docente na 7ª série do Ensino Fundamental II. Em seguida serão abordadas

² Em nível nacional, pode ser lembrado o debate sobre aborto que envolveu os candidatos à eleição presidencial de 2010, dominado por argumentos religiosamente fundados. No segundo turno da referida eleição, os marqueteiros sentiram-se obrigados a mostrar, em suas campanhas, que os candidatos professavam a fé cristã e não aderiam ao ateísmo.

questões históricas sobre a postura docente na aula de história e sugestões de encaminhamento das mesmas, com vistas a possibilitar que a sala de aula seja um espaço de diálogo livre, mesmo que conflitivo, entre visões de mundo dos professores e dos alunos.

Perfil da escola

Em fevereiro de 2006 um recém concursado professor de história (este pesquisador) assumiu sua primeira turma numa escola estadual da periferia de Carapicuíba, SP, coincidentemente onde também morava. O Conjunto Habitacional Presidente Castelo Branco, popular Cohab de Carapicuíba, como o próprio nome evidencia, é um bairro marcado por uma grande quantidade de prédios. O primeiro conjunto foi inaugurado em 1972, e este, a Cohab-5, em 1983-4. Por isso a densidade populacional é alta, tanto que o bairro possui três escolas de Ensino Fundamental II e Médio.

A característica sócio-econômica central é que foi concebido como um bairro dormitório, destinado à moradia de operários, em geral migrantes de outros estados, que servissem às indústrias em desenvolvimento da cidade vizinha Osasco, nos anos 60 a 80. A expansão do setor de serviços nos anos 90 e 2000 manteve a característica do bairro, habitado por operários de baixa renda, apesar da expansão do comércio interno em garagens erigidas pelos moradores (ALMEIDA, 2008).

A escola Ana Rodrigues de Liso localiza-se na parte oeste do bairro. É toda murada, com vários portões trancados que restringem o acesso à secretaria e às salas de aula. Ambos não impediram um assalto à mão armada na diretoria no período em que lá esteve o professor. A infra-estrutura é bem conservada, havendo duas quadras poliesportivas (uma coberta), um laboratório de informática com dez computadores, uma sala de vídeo, uma biblioteca com inúmeros livros novos (didáticos, paradidáticos, acadêmicos e literários), uma sala de jogos e vinte salas de aula com lousa verde.

O professor ficou incumbido de lecionar para sete 7^a séries do turno da manhã, com média de 35 a 40 por turma. O perfil era de estudantes jovens, entre 13 e 14 anos, brancos, mestiços e negros, com numero aproximado de ambos os sexos. Os alunos em geral provém das ruas adjacentes, mas o colégio aceita matrículas de famílias de outros bairros, Cohabs ou não.

Ordenando eventos numa linha do tempo cósmica

O planejamento escolar esperava do professor que ele iniciasse o ano pela história da evolução humana. Ao preparar as primeiras aulas, achou interessante a proposta do calendário cósmico de Carl Sagan³, e decidiu trabalhar numa perspectiva da história cósmica segundo o paradigma científico atual, para mostrar as diferentes escalas temporais. Planejou uma linha do tempo com o início no marco fundador da história de nosso universo, o *Big Bang*, passando pela formação da Via-láctea, do Sistema Solar e do planeta Terra. A linha do tempo especificava-se com o início da vida, passando pelo surgimento e morte dos dinossauros, desenvolvimento dos primatas e aparição dos primeiros homínídeos, que deram origem ao *homo sapiens*. Daí por diante a linha seguia o ramo de eventos humanos que o professor considerou significativos e já pertencentes ao tema que deveria lecionar, como a pintura nas cavernas, surgimento da agricultura e das primeiras cidades. Avançou um pouco no tempo e inseriu temas que julgava de conhecimento dos alunos, como o descobrimento do Brasil. A linha terminava nos dias atuais.

Enquanto planejava, o professor decidiu não “passar a matéria”, mas propor uma brincadeira. Os estudantes receberiam uma lista com os eventos embaralhados, fora de ordem, e seria sua tarefa ordená-los segundo a cronologia do mais antigo para o mais recente. Assim foi feito e o professor, ao analisar os resultados, ficou espantado. Primeiramente porque, dos cerca de 300 alunos, dois ou três acertaram a linha toda, e alguns se aproximaram da resposta considerada correta, trocando um ou outro evento. O que mais lhe chamou atenção, no entanto, foi que os erros crassos dos outros alunos seguiram alguns padrões em todas as turmas. Para os estudantes, o universo não começava no Big Bang (“formação do universo”), mas com a formação da Terra, ao que se seguia a formação do Sistema Solar, da Via Láctea e do Universo, nessa ordem. Com relação à vida, o surgimento e morte dos dinossauros precediam o aparecimento da vida, e o ser humano às vezes surgia antes dos primatas e homínídeos.

³ Na sua obra *Os dragões do Éden* e no primeiro episódio da série de TV *Cosmos*, o astrônomo Carl Sagan apresentou uma analogia relacionando o tempo cósmico e um calendário, fazendo a proporção entre os 13 bilhões de anos desde o big bang coubessem em um ano. Assim, mais ou menos cada 500 anos de história corresponderiam a um segundo do calendário. Por exemplo, 1o de janeiro às 00:00 seria o início do universo, a terra surgiria no dia 14 de setembro, o *homo sapiens* aparece às 22:30 de 31 de dezembro e os europeus chegariam à América um segundo antes da meia-noite do ano seguinte.

Perplexo, o professor indagou aos alunos sobre suas respostas, e notou que a ordenação dos eventos da história natural eram formatadas por uma visão religiosa, de base bíblica cristã. Por exemplo, uma das alunas disse sobre o universo que “Deus primeiro criou a Terra e depois saiu criando o resto”; ou, sobre os dinossauros, que “Deus criou os dinossauros, matou os dinossauros e depois criou a vida como nós conhecemos”. Sobre a evolução humana, um dos alunos mais estudiosos disse que “estudo isso para passar na escola, mas não acredito em nada”, que evidencia a relação distanciada com o assunto estudado, pouco significativo por não se coadunar com a visão de mundo na qual foi socializado.

A experiência escolar narrada acima mostra como o professor percebeu, na prática, um dos princípios de determinadas correntes pedagógicas, como a freiriana: é impossível ignorar o que os alunos trazem para o momento educativo que é a aula. Mais especificamente, para que uma aula de história ocorra, é preciso levar em conta a visão de mundo dos estudantes, o que inclui perspectivas religiosas as mais diversas, em geral cristãs.

Mesmo que o professor de história não seja cético, ateu ou agnóstico, para empreender um ensino laico ele concebe a religiosidade no nível da intimidade e a transcendência como distante. Com todas as controvérsias epistemológicas sobre o estatuto do conhecimento histórico, este é tido como parte do paradigma científico, logo parte de uma cultura moderna na qual a realidade é vista como desencantada, num mundo físico-químico-biológico regido por leis e processos naturais, e um mundo humano a este sobreposto, com convenções sociais que estruturam dinâmica e diversamente as relações entre indivíduos, seu pensar, sentir e agir. Nada mais distante de um meio social onde atuam sobre esta realidade, proposta pelas correntes científicas, consciências extra-físicas como Deus, anjos, demônios, espíritos, orixás e elementais, com possibilidade de intervenções mágicas ou paranormais.

Por isso, em relação aos pares historiadores que atuam na universidade ou na grande imprensa, os professores da educação básica se encontram numa posição mais incômoda. No meio acadêmico os pressupostos formadores da visão de mundo já estão previamente negociados, todo o debate recaindo nas reestruturações trazidas pelas novas fontes ou revisões teóricas, que respondem a problemas do campo historiográfico ou a questões sociais. De modo diverso, os professores, em uma aula de história, não

necessariamente partilham os pressupostos que formam a visão de seus alunos, as quais, “como representações do mundo que aspiram à universalidade e são determinadas por aqueles que as elaboram, as religiões não são neutras e impõem, justificam, legitimam projetos, regras, condutas determinantes nas identidades culturais de pessoas, grupos, países e sociedades” (SILVA, 2008, p. 206). A considerar os dados sobre religiosidade no Brasil⁴, talvez possamos mesmo afirmar que sua visão é minoritária, que o coloca na posição prévia de um *estrangeiro*.

Daí decorre, no caso citado acima, o espanto do professor de história ao ler a linha do tempo de seus jovens alunos. Percebeu que não poderia simplesmente “passar a matéria” e se deu conta de que seus pressupostos não eram partilhados no que havia de mais fundamental. Passou a entender que a sala de aula de história era uma região de borbulhante fronteira cultural.

Reagindo a outras culturas

Outro caso significativo aconteceu com o professor nas mesmas classes de 7a série, envolvendo a reação emocional dos estudantes ao tema da matéria de história. Ao rever com os alunos a resistência do negro e a presença da cultura africana no Brasil, assunto do ano anterior, procurou escolher uma dimensão de interesse dos adolescentes, a música. Para mostrar como artistas e ritmos brasileiros evocavam a matriz africana, tocou em um CD *player* a canção Dandalunda, na voz de Margareth Menezes⁵.

Ficou abismado com a reação generalizada em todas as turmas. A grande maioria clamava “macumba!” enquanto o corpo parodiava gestos rituais das religiões africanas. Outros riam da música e da encenação dos colegas. Outros ainda comentavam

⁴ O site do IBGE, com base no censo de 2000, mostra que 73,6% da população se autodeclarou Católica Apostólica Romana; 15,4% Evangélicos; 1,3% Espírita; 0,3% pertencentes à Umbanda e Candomblé. 1,8% englobam outras religiões e 7,4% declararam não possuir religião (o que não implica que sejam ateus ou não acreditem numa transcendência). Ver <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/religiao/brasil.html>. Para detalhes em torno da religião segundo sexo, escolaridade, idade e domicílio, ver http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/religiao_Censo2000.pdf.

⁵ O encarte apresenta a seguinte letra: Bem pertinho da entrada do gueto / Um terreiro de Angola e Ketu / Mãe maiamba que comanda o centro / Dona Oxúm dançando Oxóssi no tempo/ Lá em cima no tamarineiro / Marinha da pipoca ajoelha / Em janeiro, no dia primeiro / Desce o dono do terreiro / Coquê / Dandalunda, maimbanda, coquê / Seu zumbi é santo sim que eu sei / Caxixi, agdavi, capoeira / Casa de batuque e toque na mesa / Linda santa Iansã da pureza / Vira fogo, atraca, atraca, se chegue / Vi Nanã dentro da mata do jejê / Brasa acesa na pisada do frevo / Arrepi o corpo inteiro / Coquê dandalunda maimbanda, / Coquê / Dandalunda / Paira na beira / Dandalunda / Da cahoeira / Dandalunda / Paz e água fresca / Dandalunda / Doura dendê / Coquê...

com o colega do lado, com espanto, como o professor tinha coragem de trazer uma música daquelas. Mas um dos estudantes evangélicos da 7a G não se conteve, levantou-se aos berros de “isso é coisa do demônio! Tira a música, tira a música!”. O professor foi salvo da zoadá geral pelo sinal de fim de aula.

Nas aulas subsequentes, este estudante abordava o professor para conversar sobre religião. Perguntou-lhe se acreditava naquilo, se gostava daquele tipo de música, se já fora num “lugar de macumba”. O professor inicialmente sugeriu que ele procurasse conhecer mais daquela religião, que, se possível, visitasse algum terreiro sério que não veria nada de “demoníaco”, ao que foi replicado que só iria com seu pastor, e o esperaria marcar dia e hora. O professor achou melhor desistir da visita e mudar de abordagem, porque a exposição da diferença estava gerando um impasse. Ao falar dos fundamentos da história nas aulas seguintes, procurava exemplificar os dilemas da tradução com exemplos tirados da bíblia, e perguntava-lhe o que achava do assunto ou o que seu pastor dissera a respeito. Ora ele participava, ora observava a explicação com atenção.

Aulas depois, ao tratar da diferença entre versões da história, o professor pediu que respondessem um questionário sobre se alguma vez na escola houve discrepância entre o que se falava em casa e o aprendido na escola. O estudante respondeu que não, nunca o assunto ou perspectiva dado na escola diferenciava do aprendido em casa. O professor, ao olhar a resposta, comentou: “Como não? Outro dia você discutiu comigo por causa de religião, não é.” “Sim, discutimos”. “Então...”. Atônito, o estudante indaga: “Mas podia colocar?”.

Este caso evidencia outras questões do ensino de História que envolvem religião, além das já vistas. A primeira delas é a reação emocional diante da diferença considerada tabu pelo grupo social, manifesta de formas distintas pelos estudantes, todas como forma de proteção – agressão verbal, risos, piadas, paródia. A atenção do professor às reações afetivas aos conteúdos revelam posturas cristalizadas, em geral oriundas de socialização anteriores à escola. Logo, a adesão a uma visão de mundo não é apenas intelectual, influenciando na organização do conhecimento, mas também é emotiva. À ordenação intelectual se sobrepõe uma ordenação de valores de objetos da realidade numa escala multifacetada que vai do recomendável ao proibido. Quando se ensina história e se apresenta visões de mundo distintas, não apenas se reordena as

categorias da realidade do estudante, mas também se quebra vínculos afetivos e se questiona valores arraigados.

Nem sempre a resposta a esse questionamento ocorre sem conflitos entre autoridades diferentes, que manifestam perspectivas distintas de mundo. Tanto é que, no caso, o convite à visita ao terreiro foi condicionado pelo aluno à presença do pastor de sua igreja. Mais ainda, ao ser perguntado dias depois sobre conflitos entre o espaço escolar e o espaço familiar ou confessional, o estudante respondeu pela negativa, o que indica a falta de liberdade de contradição já internalizada, cuja saída foi dar a resposta que julgava esperada pelo professor, em detrimento do que pensava, até mesmo “falseando” os fatos. Tal reação de um aluno da 7ª série mostra que, na sua trajetória escolar, o ensino de história não lhe ofereceu oportunidades de questionar e discordar abertamente do saber histórico escolar constituído.

Conclusão

Os dois casos escolares apresentados mostram como as questões e categorias que moveram os habitantes de Águas Lindas de Goiás a se degladiarem simbolicamente por um padroeiro estão presentes no ambiente da periferia da maior região metropolitana brasileira. Ao secular debate religioso dentro do meio cristão se acrescentou a partir do XIX o discurso laico e desencantado, que na atualidade chega à população principalmente pela escola e, em especial, a aula de história.

Entendemos que o professor não pode fugir ao debate nem desqualificar o que os alunos trazem, implícita ou explicitamente, mas pode acolher (não assumir) seus anseios na aula. Os resultados talvez não sejam imediatos nem visíveis, mas consideramos mais efetivos.

Cerca de dois meses depois o professor teve que deixar as turmas e a escola. Alguns estudantes sentiram-se felizes com sua saída, pois não suportavam mais sua presença. Outros não esboçaram reação alguma. Poucos manifestaram pesar pela sua saída, demonstraram carinho e agradecimento pelo período que lá esteve. Com lágrimas, um dos que mais lamentaram sua ausência foi o estudante do qual discordara sobre o candomblé. Pediu-lhe para ficar, terminar o ano, e disse que foi um dos melhores professores que tivera em sua vida.

O depoimento espantou o professor, pois este julgava que aquele aluno ficaria feliz com sua ausência. Percebeu que o havia marcado, mas no momento não entendeu porque, e talvez nunca saiba inteiramente a resposta. Acredita que, mesmo fugaz e involuntariamente, ao aceitar a discordância, propiciou-lhe um espaço para contestar a autoridade estabelecida em nome do que se acredita. Provavelmente o estudante nunca tenha tido a oportunidade de exercer tal contestação fundamental sem violências emocionais, simbólicas ou mesmo físicas. Naquele fugaz momento, a aula de história talvez tenha propiciado um espaço de liberdade.

Referências

- ALMEIDA, Leandro Antonio. A Cohab de Carapicuíba, sua implantação e mudanças: notas para uma pesquisa histórica. *Revista da ASBRAP*, n. 14, 2008, pp. 79-108
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1986 (1970)
- GEERTZ, C. O futuro das religiões. Folha de São Paulo, Caderno Mais!, 14 de maio de 2006, p. 10. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1405200614.htm>
- LAVILLE, Christian. A guerra das narrativas: debates e ilusões em torno do ensino de história. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 19, nº 38, 1999, p. 125-138.
- MOREIRA, Alberto da Silva. O deslocamento do Religioso na sociedade contemporânea. *Estudos de Religião*, Ano XXII, n. 34, 70-83, jan/jun. 2008.
- _____. & Oliveira, Irene Dias. O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural. 2008, Congresso Internacional em Ciências da Religião. Goiás, Universidade Católica de Goiás, Disponível em <http://www.servicioskoinonia.org/docs/DaSilvaMoreiraOFuturoDaReligiao.pdf>.
- SILVA, Eliane Moura da. Estudos de Religião para um novo milênio. In: Karnal, Leandro (org.) *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 5a ed. São Paulo: Contexto, 2008
- SILVA, Marcos Antonio & FONSECA, Selva Guimarães. Tudo é história: o que ensinar no mundo multicultural. In: *Ensinar História no Século XXI: em busca do tempo entendido*. Campinas, SP: Papirus, 2007, pp. 43-64.

Mídia, notícias e audiovisual

- DANDALUNDA, composição de Carlinhos Brown. Margareth Menezes – Festival de Verão Salvador, 2004, TV Globo, Bahia Eventos. 1 CD audio, faixa 13.
- OLIVEIRA, Rinaldo. Goiás tem “guerra santa” para disputa de padroeiro. *Band News*, seg, 11/maio/2009 às 7:36. Vídeo, 1'36". Disponível em <http://terratv.terra.com.br/Especiais/Noticias/4416-232967/Goias-tem-Guerra-Santa-para-disputa-de-padroeiro.htm>. Acesso em 20 março 2010.